QUESTÕES SOCIAIS

A LUTA CONTRA A TUBERCULOSE

I

O alcoolismo, o ar confinado das oficinas, das miseráveis habitações sem ar, sem conforto, impregnado de poeiras, de resíduos químicos dos artefactos, de filamentos de algodão, de cânhamo, de metais e carvão pulverizados; o ar agitado e rodopiante em colunas, em lufadas, girando pela fôrça dos ventiladores eléctricos; o trabalho exaustivo na tarefa diária, nas noites brancas; a exígua remuneração de plantões esmagadores e noites mal dormidas; as esfalfantes caminhadas das oficinas para longínquas habitações de alugueis módicos, pelo frio intenso, ou pelos aniqüilantes calores estivais, sem agasalhos suficientes para bem resistir ao primeiro, sem as roupas apropriadas à atenuação dos outros; as privações de alimentação bastante à nutrição e de boa qualidade; a miséria e a fome, enfim, são os principais factores, dependentes uns dos outros, da pior das endemias reinantes, a tuberculose.

Não respeita, êsse *morbus*, nem as altitudes, nem as raças; nem as zonas temperadas, nem os círculos polares; nem as cidades nem os campos. Não é uma obra da natureza e do clima: é essencialmente uma obra social, que acompanha e assoberba a civilização. Países houve em que êsse flagêlo foi desconhecido durante algum tempo; as comunicações mundiais, foram, aos poucos, tornando-o mundial.

Todos, na actualidade, estão mais ou menos contaminados; hoje, a tuberculose é a *expressão patológica da humanidade degenerada*, diz o dr. Queraltó.

Em outros tempos, havia os que se donominavam candidatos predispostos; havia moléstias que excluiam a possibilidade dum diagnóstico de tuberculose — cardiopatias, artitrismo, obesidade, etc. Hoje, tôdas as enfermidades são predisponentes, tôda e qualquer lesão que diminua as condições de resistência do organismo humano, quase o prepara para o sacrifício.

A tuberculose é a síntese de todos os males sociais; nas condições actuais da sociedade, pensar em dominá-la ou sequer restringir o seu campo de acção, é uma utopia, pois que, estando irmanada e sendo a resultante da organização da própria sociedade, só será debelada com a reforma total das suas bases e fundamentos sôbre outros moldes mais igualitários e mais humanos.

As estatísticas derrotam todos os optimismos das filantropias capitalistas e das tentativas operárias: sociedades mutuárias e de seguros de vida, congregados para debelar o maior inimigo da humanidade, o grande ceifador de existências.

Os sanatórios, os dispensários e todos os outros empreendimentos teem evidenciado a inutilidade dos esforços que se não baseiam na melhoria permanente do meio, das condições económicas do tuberculoso, da qualidade da alimentação e da sua quantidade, do aumento das suas horas de repouso, do afastamento de graves e permanentes preocupações morais e de subsistência, de goso calmo, de bons ares de montanhas.

Tudo isso se refere ao tratamento pròpriamente dito e não à profiláxia (*meios higiénicos de evitar a moléstia*) mais difícil ainda de ser estabelecida a rigôr, verificando-se que os mais robustos, quasena totalidade dos casos, os mais fortes, na aparência, dão reacções positivas às averiguações da *tuberculina*.

Os tuberculosos, cujas posses e condições económicas lhe não permitam a permanência nos logares destinados à atenuação do mal — sanatórios, residências na montanhas, entre a vegetação tónica, no banho perene do ar puro — voltarão em melindrosa convalescença, que será seu permanente estado de vida, ao ponto de partida, ao primitivo meio, a oficina onde adquiriu a moléstia, ao trabalho profissional, melhorado não curado, voltará com o organismo mais enfraquecido que antes, depauperado pela luta contra a moléstia, a sujeitar-se à influência nefasta das mesmas causas deletérias, sem o mesmo coeficiente de resistência de que dispunha o organismo são, antes da primeira invasão do mal.

Haverá, então, um pulmão com erosões e falhas, trabalhado pelo germe temeroso, um intestino lesado e propenso a novos acidentes; conservando os estigmas da primeira investida; haverá condescendência; tibieza na repulsa do inimigo, moleza e incapacidade vital para a luta e para uma segunda meia vitória. Resistirá, durante alguns meses aos ataques reiterados, certos, contínuos e avassalantes; capitulará mais depressa do que anteriormente: render-se há à discreção; sem mais elementos para o combate, nem mais probabilidades de êxito.

DR. FÁBIO LUZ.

Rio de Janeiro.

Os crimes da "ordem"

O diário «Wienen Tageblatt» inseriu a seguinte estatística, pela qual se pode avaliar o sistema empregado pelas autoridades austríacas na manutenção da disciplina e da ordem, no território sob a sua guarda.

Segundo êsse documento elucidativo, desde a declaração da guerra europeia até 31 de dezembro de 1915, foram pronunciadas 4.583 sentenças de morte contra cidadãos que desobedeceram às determinações do govêrno, assim distribuídas: 290 em Trieste; 60 em Fiume; 1.118 na Dalmácia; 90 em Destria; 245 na Morávia; 800 na Boémia; 820 na Bósnia, 490 na Galicia; 330 no Trentino, e 340 na Bucovina.

A esta macabra estatística, falta ainda acrescentar as execuções capitais na Transilvânia, bem como os fuzilamentos, em grande quantidade, levados a efeito em diversos regimentos austríacos, e de que o referido periódico não apresenta o número exacto, certamente para não alarmar a população trabalhadora.

E ainda há quem se admire de nós combatermos violentamente a actual sociedade capitalista e as suas instituições. E' que nós raciocinamos, e não nos parecemos, em nada, com os acomodados, com os patifes nem com os políticos profissionais da governação.

Somos homens e sabemos distinguir as coisas...

Votação significativa

Os jornais franceses publicaram a seguinte informação que define claramente o estado de espírito do povo australiano:

O referendum *sobre a incorporação militar obrigatória na Austrália, deu êstes resultados: — 1.042.556 votos a favor; 1.110.176 votos contra.*

Por onde se vê que nem tôda a gente está disposta a servir de instrumento às chancelarias, aos governos ou aos Estados, muito embora a dialéctica duns e outros se proclame *abertamente* pela «democratização dos países», que, segundo as mesmas personagens, constitui a base segura para o *desenvolvimento* da civilização modernal...

E' que esta coisa de se trocar o certo pelo duvidoso, não faz grande sentido. E a maioria do povo australiano viu isso com olhos de vêr.

...Em que pese aos impagáveis guerristas...

ÁGUAS PASSADAS

A 10 de outubro de 1914, as aurora, na República, o sr. António José de Almeida: — «Tudo por aí começa a estar indignado. O preço dos géneros aumenta, a vida que já está difícil, começa a estar dificílima. Mas o pior ainda não é, talvez, o encarecimento dos géneros; é a sua falsificação. Era natural. A especulação, no meio das grandes crises, atinge proporções enormes e reveste as formas mais variadas. A's incertezas que nos assaltam neste momento, ajunta-se a deficiência na alimentação e a adulteração nos géneros que servem usualmente para nutrir as diferentes classes.

Começa a haver em tôdas as camadas da sociedade um nervosismo inquietante e o povo, a eterna vítima, manifesta-se já irritado. Há tempo, no Pôrto, houve distúrbios em que foi evidente a exarcebação contra os homens desalmados que exploram com a miséria dos outros... E' indispensável que o govêrno se resolva a tomar providências profícuas que sejam conjuntamente preventivas nas suas medidas e severas nas suas penalidades», contra os especuladores, já se vê.

«A desgraça que alastra em Lisboa e começa a invadir os campos, é medonha. A cada momento se depara com criaturas fraquíssimas que se queixam do esfalfamento de não comerem ou comerem pouco e substâncias adulteradas. E' aqui uma pobre mulher que não encontra trabalho e pede que a socorram para que ela e o filho, que traz nos braços, não morram de fome. E' além um chefe de família que, não encontrando onde empregar a sua actividade, atinge o desespêro, vendo a miséria que se instalou no seu lar. Bem sei que há um vício de origem na nossa organização social. Bem sei que a República, que já podia ter feito bastante, pouco ainda realizou em benefício das classes pobres...

«Para se vêr aquilo de que são capazes esses especuladores bastará dizer que se fez uma exploração ignóbil com o fornecimento de alguns gêneros para as duas expedições para a Africa. E' pelo menos o que tôda a gente diz e ainda não sofreu constestação. Se êles procederam assim com o Estado, o que não farão com os proletários?

A par da ganância infame que faz levantar, sem motivo, o preço dos géneros, há a ganância tôrpe que os falsifica. E' preciso olhar para esta pouca vergonha, corrigindo-a duramente... E' um crime repugnante consentir que traficantes sem consciência estejam adulterando o que é base essencial da vida. Basta, para desgraçar mais esta população infeliz, que ela cada vez coma menos. Seria crueldade demasiadamente rancorosa, permitir ainda que êsse pouco que ela come, seja falsificado. Não quero agora falar no estado infecto de certas casas, que seriam inabitaveis numa cidade onde a higiene não fosse uma blague, nem em certos páteos que são jazigos de podridão, nem em certas ruas que são escoadouros de nauseabundos detritos... O que eu reclamo por agora é pouco: cifra-se num regime forte de prevenção e repressão contra o aumento dos preços, sem motivo, e contra a falsificação dos géneros.

«Ou o govêrno se determina a tomar medidas enérgicas, fora de tôda a complacência e de todo o compadrio, ou vai haver borrasca grossa que aumentará as dificuldades com que lutamos, e que, pelo facto de ser lamentável, nem por isso deixará de estalar».

Volvidos dois anos, e com licença dos democráticos, é o autor destas linhas e chefe da governação. E como tudo está pior, pioríssimo até, vê-se bem que êle, ajuizadamente *aproveitou* os conselhos que deu aos outros.

Ah! que se o sr. António Zé não fosse um político, era dos capazes de dizer que, naquele momento, falou com tôda a sinceridade. Assim... *à d'autres*, no concerto das franquezas...

Manifesto da Conferência de Zimmerwald

I

PROLETÁRIOS DA EUROPA!

Há mais dum ano que dura a guerra! Milhões de cadáveres cobrem os campos de batalha. Milhões de homens ficarão mutilados para o resto dos seus dias. *A Europa fôrnou-se um gigantesco matadoiro de homens.* Tôda a civilização criada pelo trabalho de várias gerações é votada ao aniquilamento. A mais selvática barbaria triunfa hoje de tudo o que até agora era o orgulho da humanidade.

Sejam quais forem os responsáveis imediatos do desencadeamento desta guerra, uma coisa é certa: A GUERRA QUE PRODUZIU ÊSTE CAOS É FRUTO DO IMPERIALISMO. Nasceu da vontade das classes capitalistas de cada nação de viverem da exploração do trabalho humano e das riquezas naturais do universo. De tal sorte que as nações económicamente atrasadas ou políticamente fracas caem sob o jugo das grandes potências, que tentam, nesta guerra, recompor o mapa do mundo a ferro e fogo, conforme os seus interesses.

Assim é que povos e países inteiros, como a Bélgica, a Polónia, os Estados balcânicos, a Arménia, correm o risco de serem anexados, no todo ou em parte, pelo simples jôgo das compensações.

A' proporção que se desenvolvem os acontecimentos, mostram-se em tôda a sua nudez os móbiles da guerra. Pedaço a pedaço, vai caindo o véu com que se escondeu à consciência dos povos a significação desta catástrofe mundial.

Os capitalistas de todos os países, que cunham no sangue dos povos a moeda rubra dos lucros da guerra, afirmam que esta servirá para a defesa da pátria, da democracia, para a libertação dos povos oprimidos. Mentem. A VERDADE É QUE DE FACTO SEPULTAM, SOB OS LARES DESTRUÍDOS, A LIBERDADE DOS SEUS PRÓPRIOS POVOS JUNTAMENTE COM A INDEPENDENCIA DAS OUTRAS NAÇÕES. Novas cadeias, novos encargos, eis o que, desta guerra resultará, e o proletariado de todos os países, vencedores e vencidos, é que os terá de suportar.

Aumento de bem-estar, dizia-se, ao desencadear-se a guerra.

Miséria e privações, desocupação e carestia da vida, doenças e epidemias, tais são os seus verdadeiros resultados. Durante dezenas de anos, as despesas da guerra absorverão o melhor das fôrças dos povos, comprometerão a conquista das melhorias sociais e impedirão qualquer progresso.

Falência da civilização, depressão económica, reacção política, eis os benefícios desta terrível luta dos povos.

A guerra revela assim o carácter verdadeiro do capitalismo moderno que é incompatível, não sòmente com os interesses das classes operárias e as exigências da evolução histórica, mas também com as condições elementares de existência da comunidade humana.

As instituições do regime capitalista que dispunham da sorte dos povos: os governos — monárquicos ou republicanos, — a diplomacia secreta, as poderosas organizações patronais, os partidos burgueses, a imprensa capitalista, a Igreja: sobre todas elas pesa a responsabilidade desta guerra surgida duma ordem social que as nutre, que elas defendem e que só serve os seus interesses.

RIDENDO...

Segundo êsses editais
Vou-me, pois, dar baixa,
A' «junta de revisões»
Sou presente, e outros mais.
Mas ver reinspeccionado
Afim de ir para soldado
Caso tenha bons *costais*...

Pois juro que não me agarro
A «cunhas», p'ra me livrar,
Visto que eu hei-de escapar
Ao caserneiro galfarro.
'Stou mais *gordo* que um... chinelo!
Devido à *sêma* de farêlo
Mais ao *açucre* de barro.

Por isso é que ando em sossêgo;
Que eu rancho não comerei
Nem tampouco gramarei
Das «correias» o aconchêgo...
E um *numbro* quero ser!
Mas isto sem o saber
O Zé do Val' *mal-lo* Rego...

AMILCO.

Economias socialistas

Da «Bataille» de 10 de novembro findo, extraímos êste precioso telegrama:

Johannesburco, 9. — O partido operário sul-africano apresentou à comissão de inquérito — encarregada de examinar a possibilidade do Estado explorar por conta própria as ricas minas de East-Rand — uma memória, sugerindo-lhe a idea de empregar os indígenas condenados, os quais receberiam em troca da sua produção um salário diário de 1 *shilling*.

Por esta forma poderiam utilizar-se os serviços de 10 mil condenados, que, comparados com o custo da mão de obra dos indígenas livres, dariam um lucro anual ao Estado de 420.000 libras esterlinas.»

Segundo êste modo de vêr... socialista, o partido operário podia solicitar do govêrno a imediata prisão e condenação de todos os indígenas livres, visto que, obrigando-os a trabalhar de harmonia com o seu rico pensamento, o Estado obteria lucros muito mais elevados.

Que tal acham a economia socialista... da última hora?...

Trechos escolhidos

Diz-se que a natureza despreza o indivíduo e respeita apenas a espécie.

Os que tal afirmam, calunniam a natureza, e portanto a Sciência. Pereat mundus, fiant pilulæ, gritam alguns curandeiros charlatães. Vivam as medicinas, ainda que morram os enfermos!...

Mas que fariam as medicinas sem os enfermos? Pode acaso conservar-se de pé um edifício a que se tirem as fundações que lhe servem de base?

A natureza só tende a conservar a espécie... Mas que sabemos nós disso? Conhecemos muito pouco as suas intenções, e aquelas que nos são conhecidas, demonstram-nos que se a natureza faz pouco caso do indivíduo, não faz muito mais caso da espécie.

A história da Fauna e da Flora não é mais do que um grandioso cemitério no qual repousam milhões de espécies mortas, algumas delas perfeitamente organizadas e que talvez tivessem disputado ao homem o seu lugar na Natureza, como por exemplo os antropóides, Driopiteco, que pareciam predestinados a um porvir brilhante.

No fundo a natureza não tem cuidado nem com o indivíduo nem com a espécie; portanto, não devemos deixar-nos conduzir por estes vagos esboços; ocupemo-nos, antes de tudo, da felicidade real do homem.

JEAN FINOT.

E' nosso agente em S. Tomé, A. Ocidental, o nosso camarada Francisco de Morais Sarmento.